



**NOSSOS NOVOS MUNDOS O cinema
documentário como instrumento de
diálogo entre educandos e educadores**

Saulo de Sousa Silva

O seguinte trabalho apresenta uma experiência de construção de cinema documentário baseado na práxis educacional com a temática Como enxergo minha escola e qual a escola dos meus sonhos? que ocorreu na escola estadual Diógenes Duarte Paes, em Jundiá – SP através da oficina Nossos novos mundos.

O projeto foi iniciado no final de 2014 para a obtenção do título de Especialista em Educomunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), e o trabalho ao todo durou cerca de sete meses.

Nossa pesquisa se encontra no campo da Educomunicação e está relacionada principalmente à duas áreas de intervenção. A primeira é a educação para a comunicação. Segundo o professor Ismar Soares (2011):

a) A área de educação para a comunicação, constituída pelas reflexões em torno da relação entre os polos vivos do processo de comunicação (relação entre os produtores, o processo produtivo e a recepção das mensagens), assim como, no campo pedagógico, pelos programas de formação de receptores autônomos e críticos ante aos meios (Soares, 2011, p. 26).

O estudo dos impactos e dos lugares dos meios é o norteador desta área, implementado através de “programas de recepção pedagogicamente organizados (media education, educación em los medios), fundamentados na contribuição das ciências humanas” (Soares, 2011, p. 47, grifos do autor).

Para a formação de receptores críticos, levamos em conta os diversos aspectos da palavra “crítico” no sentido que José Martinez de Toda y Terrero (2011) expõe: valores e critérios sociais e éticos; dignidade humana; identidade cultural; coerência moral; formas compartilhadas de experiência. É quando o sujeito se identifica com seus valores, cultura e significados que se inicia um pensamento crítico. “Não poderemos chegar a ser críticos sem antes ter uma identidade cultural a qual podemos nos referir” (Terrero, 2011, p. 152). Na educação para os meios “os participantes confrontam as provocações morais dos meios, e no qual se clarificam, se purificam e afirmam seus próprios valores” (Terrero, 2011, p. 152).

A outra área é a mediação tecnológica na educação:

b) A área da mediação tecnológica na educação preocupa-se com os procedimentos e as reflexões sobre a presença das tecnologias da informação e seus múltiplos usos pela comunidade educativa [...] Trata-se de um espaço de vivência pedagógica muito próximo ao imaginário da criança e do adolescente, propiciando que não apenas dominem o manejo dos novos aparelhos, mas que criem projetos para o uso social das intervenções que caracterizam a Era da Informação (Soares, 2010, p. 48).

Devemos nos atentar sobre a presença de novas tecnologias da informação e comunicação nos ambientes educativos, pois muitas vezes são utilizadas senão de maneira meramente instrumental, de maneira a apoiar os conteúdos previstos na grade curricular. Ou seja, todo o potencial pedagógico aberto a ser explorado com a utilização das tecnologias passa a ser mera instrumentalização. As tecnologias tampouco devem ser vistas como um objeto de salvação de todos os males existentes na educação. Paulo Freire ainda na frente do Movimento de Cultura Popular (MCP) na década de 60, já enxergava algumas tecnologias da comunicação e informação da época, como o rádio, um potencial instrumento pedagógico, mas sempre tendo a consciência de que as tecnologias não são a salvação da educação:

Nunca fui ingênuo apreciador da tecnologia: não a divinizo, de um lado, nem a diabolizo, de outro. Por isso mesmo sempre estive em paz para lidar com ela. Não tenho dúvida nenhuma do enorme potencial de estímulos e desafios à curiosidade que a tecnologia põe a serviço das crianças e dos adolescentes das classes sociais chamadas favorecidas (Freire, 2005, p. 87).

Devemos estar cientes de que, à medida que uma nova tecnologia se impõe na cultura, ela certamente exclui uma grande parcela da sociedade, carente de certos recursos. Paulo Freire (2005) enxerga que em prol de um “progresso” se esconde o processo de exclusão, e a cada novo “progresso” mais exclusão ocorre, ficando os excluídos do primeiro “progresso” sem condições palpáveis para se incluírem na sociedade novamente:

A todo avanço tecnológico haveria de corresponder o empenho real de resposta imediata a qualquer desafio que pusesse em risco a alegria de viver dos homens e das mulheres. A um avanço tecnológico que ameaça milhares de mulheres e de homens de perder seu trabalho deveria corresponder outro avanço tecnológico que estivesse a serviço do atendimento das

vítimas do progresso anterior (Freire, 2005, p. 130).

Ensinar a utilização dos aparelhos de maneira meramente técnica vai na contramão dos preceitos educacionais, pois além das regras, códigos e estéticas que podem e devem ser explorados, objetiva-se a construção de um espaço de convívio democrático, aberto, empoderando os educandos para lerem e produzirem a partir de seus universos e neles intervirem de maneira consciente visando a construção da cidadania.

Do mesmo modo como apontamos as críticas de Paulo Freire (2005) sobre a introdução de tecnologias na educação, as quais o autor nem diaboliza tampouco diviniza, temos também a contribuição de Jesus Martín-Barbero (2001):

Um dos desafios mais graves que o ecossistema comunicativo faz à educação reside no esforço da divisão social e da exclusão cultural e política aí produzida. Porque, enquanto os filhos das classes abastadas entram em interação com o ecossistema informacional e comunicativo, a partir de seu próprio lar, os filhos das classes populares [...] estão sendo excluídos do novo campo laboral e profissional que a cultura tecnológica prefigura. Daí a importância estratégica cobrada hoje por uma escola capaz de um uso criativo e crítico das mídias audiovisuais e das tecnologias informáticas (Martín-Barbero & Rey, 2001, p. 62).

Portanto, além de trabalhar uma leitura crítica através da assistência de produtos audiovisuais e construindo conteúdos, tentamos disponibilizar aos educandos orientações que lhes proporcionassem um certo domínio mais técnico da linguagem e das tecnologias.

1. O ESTABELECIMENTO DE UMA NOVA LINGUAGEM

Se pensarmos as maneiras como cada indivíduo recebe uma mensagem audiovisual, dotada de múltiplos significados e interpretações, vemos na estrutura de uma nova linguagem o aparecimento de signos. Esses signos, relacionados com outros do cotidiano próximo da pessoa, constituem o novo universo cultural no qual ela se insere, e explora a cada experiência tida quando assiste a um filme.

No cinema somos expostos às linguagens de diferentes lados, representações das culturas de determinadas sociedades. Embora cada pessoa destaque aspectos únicos, existe sempre algo universal à determinada sociedade que

pode ser compreendido pelo esquema de signos de outras sociedades. É justamente na cultura e suas representações que há o processo de mediação, ocorrido sempre através da língua.

A cultura é o universo no qual se constitui a língua, sob todas as suas modalidades; assim como a língua entra decisivamente na constituição da cultura. No âmago das formas de sociabilidade e do jogo das forças sociais, enquanto componentes constitutivos e dinâmicos das configurações histórico-sociais de vida, trabalho e cultura, produzem-se e reproduzem-se as mais diversas criações, dentre as quais se destacam a língua, a religião, a arte, a filosofia e a ciência [...] sendo que a língua se constitui como mediação principal, por intermédio da qual as outras criações se expressam, movem, transformam (Ianni, 2000, p. 212).

Já no cinema, temos a presença de uma língua não verbal, uma linguagem audiovisual, apoiada em símbolos, signos, formada por imagens, sons, montagens, edições, cores, roteiros e interpretações de atores.

O audiovisual ganhou tamanha representatividade desde a sua legitimação como uma nova linguagem que já não é mais possível escapar de componente essencial da formação cultural do ser. Acostumado a conviver com imagens visuais e áudios, outras vezes ao mesmo tempo unidos formando o audiovisual, tal universo se tornou referência para estudos relacionados a educação, e, conseqüentemente, como se trata de um processo comunicacional, de comunicação. Portanto, tema de grande importância nos estudos da Educomunicação.

Especificamente o cinema, hoje apresentado não apenas através de salas escuras, mas também nas próprias salas das casas, ou escolas, ou computadores e até celulares, vemos a estruturação de uma nova linguagem que anteriormente era composta apenas como representação da realidade por cenas em enquadramentos imóveis, as quais mostravam ao telespectador aquilo que ocorria dentro de sua tela, câmeras fixas, imagens que tentavam representar o olhar humano daquele que gravava.

É apenas por meio dos cortes da imagem, em que as cenas sobrepostas, antepostas ou colocadas fora de seqüência propositalmente, que o cinema começa a tomar um corpo a ponto de atingir o status de linguagem. Hoje comumente conhecemos tal processo como edição:

Não surgiu uma linguagem autenticamente nova até que os cineastas começassem a cortar o filme em cenas, até o nascimento da montagem, da edição. Foi aí, na relação invisível de uma cena com a outra, que o cinema realmente gerou uma nova linguagem. No ardor de sua implementação, essa técnica aparentemente simples criou um vocabulário e uma garantia de incrível variedade. Nenhuma outra mídia ostenta um processo como esse (Carrière, 1995, p. 14).

E mesmo após o surgimento desta estrutura iniciante da nova linguagem, os espectadores tiveram que passar por um processo de adaptação mediado por um “explicador”, que, com um bastão em mãos apontava os personagens explicando o que cada um estava fazendo dentro de uma cena (Carrière, 1995).

Foi com essa nova montagem que a linguagem cinematográfica trouxe uma dimensão única. Apoiada em imagens e sons, seu conjunto de signos permeia o horizonte social de nossa época, e eleva sentimentos de compreensão acerca da grandiosidade cultural, rompendo preconceitos e estereótipos: “O vídeo parte do concreto, do visível, do imediato, próximo, que toca todos os sentidos. [...] Pelo vídeo sentimos, experiênciamos sensorialmente o outro, o mundo, nós mesmos” (Morán, 1995, p. 28), entramos em contato direto com o outro, com o estranho, com a outra cultura e magicamente enxergamos diversas coisas em comum e incomum. O cinema extrapola a linguagem oral e escrita, torna clara essas diferenças.

Segundo Bakhtin (1979):

[...] não basta colocar face a face dois homo sapiens quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signos pode constituir-se. A consciência individual não só pode ser explicada, mas, ao contrário, deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico e social (Bakhtin, 1979, p. 21).

Na linguagem verbal os indivíduos precisam estar inseridos em uma determinada sociedade para que possam se comunicar utilizando os signos ali constituídos, ideologicamente e socialmente:

Afinal, compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido

de outros signos já conhecidos, em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos. E essa cadeia de criatividade e de compreensão ideológicas, deslocando-se de signo em signo para um novo signo, é única e contínua: de um elo de natureza semiótica (e, portanto, também de natureza material) passamos sem interrupção para um outro elo da natureza estritamente idêntica. Em nenhum ponto a cadeia se quebra, em nenhum ponto ela penetra a existência anterior, de natureza não material e não corporificada em signos (Bakhtin, 1979, pp. 19-20).

Já com o estabelecimento do cinema como uma nova linguagem, as possibilidades de interação entre os homens, independentemente de suas culturas e signos que as compõem, podem ser efetivadas, pois estamos “lidando com um outro gênero de memória, completamente diferente, que pode ser partilhada por povos diversos, não importa a língua que eles falem” (Carrière, 1995, p. 21).

Independentemente de sua linguagem verbal, as sociedades consomem produtos audiovisuais diversos, entre eles o cinema, e acabam por criar um repertório individual, relacionando novos filmes com filmes que já assistiram, tomando os últimos como referência. O mesmo processo que ocorre na compreensão dos homens pelos signos que compõem suas culturas, vemos acontecer o processo de leitura audiovisual. A associação necessária para compreender um signo formado por uma imagem depende, obviamente, do signo linguístico. É no espaço entre a imagem e a palavra que se dá a compreensão do signo. E é por estarmos enfatizando a polissemia audiovisual, que este processo é tão ou mais complexo do que se pensarmos apenas na linguagem verbal.

Essas linguagens audiovisuais estão presentes em todas as instâncias da sociedade, inclusive nos ambientes formais de educação. Um dos fatos que nos preocupa é que não há uma mediação entre tais conteúdos e crianças e jovens. Um dos motivos, segundo Jesús Martín-Barbero (2014), é a ainda vigente cultura letrada praticada nas escolas.

Há tempos atrás, era dentro das famílias que as crianças tinham os adultos como exemplo, ou seja, seus pais e pessoas próximas de seus convívios. As atitudes e posturas que formavam o ser estavam principalmente dentro das casas e das escolas. Hoje, as crianças convivem diariamente com outros adultos, opiniões e atitudes diversas, separados unicamente por uma tela.

Os sistemas educacionais latino americanos, parecem não acompanhar as mudanças e necessidades trazidas em ritmo acelerado. Os educadores confrontam a falta de legitimidade dos meios, julgando-os deturpadores da cultura, responsáveis por muitos fracassos da sociedade. Um estereótipo muito comum entre estes é de que “a escola é a única instituição legítima para educar” (Orozco-Gómez, 1997), por isso veem as mensagens midiáticas como um fato a ser posto de escanteio, não é algo para ser levado tão a sério a ponto de ser discutido dentro da educação escolar.

Outro fator implicante na questão é a linguagem dos meios frente a linguagem utilizada pelas escolas. A primeira abarca não apenas as linguagens orais e escritas, ela vai muito além, o que abre diversas janelas em um mundo cada dia mais videotecnologizado. Nas escolas, o livro didático ainda é o centro do saber. O conhecimento oral passado exclusivamente pelos professores legitima o espaço escolar, que expulsa de seu convívio outras formas de saber. As consequências são uma falta de interesse, senão uma aversão aos livros por parte dos alunos que da maneira que são expostos e tratados tornam-se conteúdos maçantes, criando uma falta de motivação para ir às aulas.

Assim, as escolas perpetuam os moldes dos mosteiros medievais, centralizados espacialmente e associados a determinados suportes e figuras sociais (Martín-Barbero; Rey, 2001). Da mesma maneira que a bíblia foi o grande cânone deste período, os educadores ainda centralizam todo o conhecimento nos livros. Não que estejamos menosprezando ou desconhecendo a vigência da cultura letrada, mas, sim, como expõem Jesús Martín-Barbero e Germán Rey (2001, p.62), estamos “desmontando sua pretensão de ser a única cultura digna desse nome e o eixo cultural de nossa sociedade”:

O livro continua e continuará sendo a chave da primeira alfabetização formal que, em vez de se fechar sobre si mesma, deve hoje por as bases para essa segunda alfabetização que nos abre às múltiplas escrituras, hoje conformando o mundo do audiovisual e da informática (Martín-Barbero; Rey, 2001, p. 62, grifos dos autores).

Esta segunda alfabetização a qual se referem os autores trata justamente de como estão sendo construídos os cidadãos: desde a primeira infância deparando-se com jornais, livros, noticiários televisivos, videogames, hipertextos e as múltiplas telas oferecidas pela internet. Tudo ocorre sem a intervenção de um mediador ciente. O ser passa por uma pluralidade de escritas, é construído também sobre uma alfabetização midiática que não é mediada. Enquanto a escola não agir como mediador entre as instâncias estará abrindo mais distância de seus educandos e daquilo que julga ser o deformador das condutas.

3. A OFICINA NOSSOS NOVOS MUNDOS

Foi propondo uma segunda alfabetização baseada nas conclusões principalmente de Jesús Martín-Barbero que criamos a oficina. Observando as dez piores notas no exame nacional do ensino médio de 2013 em um ranking que posicionava as escolas do município de Jundiaí (SP), acabamos por escolher a escola estadual Diógenes Duarte Paes para analisarmos de perto o cotidiano da comunidade escolar. Sugerido por diretores e coordenadores, decidimos acompanhar a realidade vivenciada no que era tida como a classe mais desordenada do ambiente. As principais reclamações dos professores com relação ao oitavo ano A do ensino fundamental eram: muita bagunça, falta de atenção e concentração, baixo desempenho e desrespeito com colegas.

Após o acompanhamento de alguns dias letivos nos quais ficamos por todo o período escolar matinal, vimos que a sala realmente apresentava um certo desentendimento entre a autoridade do professor e os educandos. A sala estava muito dispersa e as aulas praticamente não caminhavam. Durante esse tempo, pudemos analisar que as aulas dos professores eram sempre feitas de modo tradicional, com giz, lousa e alunos escrevendo o conteúdo que era uma cópia das apostilas.

Enquanto uns copiavam, outros ouviam músicas em seus celulares ou navegavam pela internet “escondidos” do professor. Em conversas com os educadores do ambiente, e através do exercício de observação, descobrimos que os alunos se identificavam muito com diversas músicas, destacando os estilos funk e rap.

Começamos então a criar uma aproximação com os alunos convidando-os primeiramente para uma sessão de cinema que ocorreria dentro da própria escola, mas no contraturno. O filme escolhido foi o documentário *A batalha do passinho* (2014), do diretor carioca Emílio Domingos. O filme é um documentário longa-metragem que retrata o cotidiano de garotos e garotas na maioria com idade entre 14 e 20 anos de algumas favelas do Rio de Janeiro, como, por exemplo, *Cidade de Deus*, que encontraram um caminho por meio da divulgação de vídeos amadores produzidos por eles e postados na internet uma maneira de se expressarem e mostrarem sua arte, compreendida pelo estilo de dança conhecido como “passinho”. A proporção que os vídeos ganharam fez com que produtores e profissionais da música e da mídia criassem a batalha do passinho, uma competição com direito a premiação e aparição na grande mídia pelos ganhadores escolhidos pelo júri. Muitas abordagens são tratadas no decorrer do filme como dinheiro e fama, vaidade, indústria cultural e sua influência no modo de vestir e agir dos dançarinos, sexualidade, preconceito, drogas, entre outros. Muitos dos temas tratados são considerados pela Educomunicação como excelentes, senão urgentes, de serem trazidos para dentro do ambiente escolar.

Após a assistência do filme, convidamos todos os participantes para participarem da oficina que aconteceria na escola, fora do horário escolar, com duração de um semestre. Além desses alunos, após um período convidamos outros que não participaram da sessão de cinema e fechamos um grupo para a oficina com onze alunos.

O projeto privilegia a produção e a leitura de conteúdo audiovisual, e nosso foco principal é o cinema documentário. Nossa temática para a construção de um produto final era um documentário que respondesse as perguntas dirigidas aos alunos: “como enxergo minha escola e como é a escola dos meus sonhos?”. Após várias aulas em que exploramos a prática e a uma parte teórica como história do cinema, cultura digital, filmes de ficção e documentários,

todos fora do circuito comercial, iniciamos por volta de dois meses antes do término da oficina a produção de nosso produto final. Durante a realização do trabalho, os alunos fizeram diversas entrevistas com professores, coordenador e diretora, e entre os próprios alunos. Todo o trabalho levou em conta nosso pressuposto de que a produção cinematográfica, junto da leitura audiovisual, com foco na construção de nosso documentário aumentava a capacidade de argumentação dos alunos, estimulava o pensamento crítico e influenciava no processo de autonomia dos envolvidos.

Escolhemos o cinema documentário pois concordamos com Bill Nichols (2010) quando diz que:

Todo filme é um documentário. Mesmo a mais extravagante das ficções evidencia a cultura que produziu e reproduz a aparência das pessoas que fazem parte dela. Na verdade, poderíamos dizer que existem dois tipos de filmes: (1) documentário de satisfação de desejos e (2) documentários de representação social (Nichols, 2010, p. 26).

Na categoria de documentários de satisfação de desejos podemos agrupar os filmes de ficção e na outra os filmes de não ficção. Sobre os filmes de não ficção, o qual escolhemos produzir, Bill Nichols (2010) explica que:

Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser (Nichols, 2010, p. 27).

Observamos uma grande diferença entre os dois tipos de filmes e concluímos que o documentário nos mostra uma realidade mais próxima de nosso cotidiano, nos identificamos mais e durante a sua produção acabamos por conhecer melhor as opiniões dos outros e as nossas próprias.

Todo o trabalho em cima da segunda alfabetização foi baseado na contribuição de Paulo Freire (1995), que enxerga toda educação como um ato político, possibilitando que os excluídos de todo o processo que os oprime ganhem consciência e se tornem autores e produtores de seus mundos.

4 O CINEMA COMO CONSTRUTOR DE NOVOS MUNDOS

Finalizada a oficina e o produto final, percebemos um aumento no poder comunicativo dos alunos, a construção final de seus argumentos individuais teve uma elaboração muito mais profunda se comparada com o início. Os alunos ficaram mais cientes de sua atuação enquanto indivíduos participantes de uma comunidade escolar e começaram a se apropriar da escola com mais liberdade, o que não foi visto com bons olhos para muitos funcionários do ambiente. Por vezes lidamos com situações delicadas nas quais até mesmo discutiram o encerramento do projeto antes do previsto, mas graças a ajuda de outros membros da comunidade conseguimos concluir com êxito. A oficina foi vista com ótimos olhos pelos alunos, com apenas uma ressalva, gostariam que o tempo de duração e estendesse mais, indo até o final do ano letivo.

Além do que citamos acima, pudemos observar um olhar mais crítico dos educandos para as mensagens vindas dos meios, principalmente audiovisuais. Além de notarem os aspectos técnicos e compreenderem parte do processo de construção de certos conteúdos, iniciaram uma análise mais ampla sobre a influência destes em nossas vidas, seja em hábitos de consumo seus e de pessoas mais próximas como na própria maneira de agir e pensar.

A construção do cinema dentro do ambiente escolar formal uniu alunos de diferentes classes criando laços de amizade que prometem ser duradouros, movimentou toda a comunidade escolar, aumentou a consciência de mundos e influenciou positivamente nas múltiplas maneiras de expressão dos alunos.

Se o documentário serviu como instrumento de diálogo entre educandos e educadores ainda não nos é possível afirmar claramente, mas temos indícios de que, devido a toda a movimentação que a oficina causou na escola, educadores possam ter referências sobre os anseios e opiniões de jovens, principalmente nas questões em que revelam suas visões sobre o espaço educativo.

Acreditamos que os envolvidos possam enfim interferir em suas realidades através do audiovisual e ajudem a construir um mundo mais democrático e cidadão para todos. Finalizamos com uma pergunta ouvida pelo pesquisador por várias vezes durante toda a oficina: "E aí professor, qual o próximo filme?"

5. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 1979.

CARRIÈRE, Jean Claude C. **A linguagem secreta do cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. (31ª ed.). São Paulo: Paz e terra, 2005.

IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Gérman. **Os exercícios do ver: Hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: Editora Senac, 2001.

MORAN, José Manuel. Os jovens e as novas linguagens eletrônicas, in DIDONÉ, Iraci Maria e SOARES, Ismar de Oliveira (organizadores). **O jovem e a comunicação: Leitura do mundo, leitura de si**. São Paulo: Loyola, 1992.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papyrus, 2010.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Professores e Meios de Comunicação, Desafios e Estereótipos. In: **Revista Comunicação e Educação**, nº 10, São Paulo: (CCA-ECA-USP), Moderna, 1997.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Teleaudiência: premissas para uma pedagogia. In: **Revista Comunicação e Educação**. nº 18, São Paulo: (CCA-ECA-USP), 2000.

SOARES, Ismar. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações, in CITELLI, Adílson Odair e COSTA, Maria Cristina Castilho (organizadores). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

TERRERO, José Martínez de Toda. Avaliação de metodologias na educação para os meios. In **Revista Comunicação e Educação**, nº 21, São Paulo: (CCA-ECA- USP), Moderna, 2001.

•• O/A AUTOR/A ••

Saulo de Sousa Silva é especialista em Educomunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), arte educador da disciplina de Cinema e Audiovisual no Colégio Santa Felicidade (Jundiaí-SP), educador da disciplina de Jornal Escolar na Escola Municipal de Educação Básica Fábio Rodrigues Mendes (Jundiaí-SP), educador da disciplina de Comunicação no projeto educativo Galera de Futuro (Jundiaí-SP), criador e educador da oficina Nossos Novos Mundos, voltada para a leitura e produção audiovisual com base comunicativa.